



A PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA DURANTE O REGIME SOVIÉTICO: PONDERAÇÕES SOBRE A PERSEGUIÇÃO CONTRA A IGREJA CATÓLICA NO PERÍODO DE 1917 A 1950

Alan Marcos de Morais Narcizo¹

¹ Graduando em História pela Universidade Sagrado Coração – Bauru/SP. Artigo científico realizado sob a orientação dos professores Dra Lourdes Conde Feitosa e M.e Roger M. M. Gomes no ano de 2015.

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de analisar, por meio da pesquisa bibliográfica, como ocorreu a perseguição religiosa empreendida contra os católicos durante o regime soviético e discutir as motivações ideológicas de viés marxista que inspiraram e motivaram a perseguição e o massacre de católicos na URSS. O regime soviético, baseando-se na concepção marxista acerca da religião, organizou sistematicamente a perseguição religiosa dentro de seus domínios e aplicou medidas que tinham claramente a intenção de eliminar Igreja Católica e minar a fé dos fiéis. Vários sacerdotes e leigos foram mortos pelos soviéticos por serem considerados opositores ao regime. Os resultados alcançados fornecem informações relevantes e pouco estudadas sobre a situação que esteve a Igreja Católica durante o regime soviético. Além disso, nos permite avançar na compreensão das ações tomadas pelo governo soviético a partir das motivações ideológicas que moviam as autoridades daquele período.

Palavras-chave: Perseguição Religiosa. Igreja Católica. Comunismo Soviético.

INTRODUÇÃO

A perseguição aos cristãos ocorre desde os primórdios do cristianismo no século I, quando Império Romano os perseguia e eliminava. O século passado caracterizou-se pelo surgimento de ideologias e regimes que, apesar de antagônicos, tinham em comum o intuito de suprimir a religião por meios estatais (nazismo, fascismo, comunismo). A Igreja Católica foi considerada por alguns regimes como reacionária e opositora do progresso e, portanto, deveria ser eliminada para dar lugar a uma sociedade melhor.

Os assassinatos em massa que ocorreram durante o século XX apontam um número gigantesco de mortes. *Rudolph J. Rummel*, professor de ciência política na Universidade de Hawái passou sua vida estudando assassinatos em massa (genocídios, politicídios) e acabou cunhando o termo “democídio”, que significa assassinato de qualquer pessoa ou grupo pelo governo.

Em nenhuma outra época da História os católicos foram tão perseguidos, torturados e mortos como no século XX. Ainda que as perseguições religiosas tenham ocorrido em diversas partes do mundo, incluído o México, durante o século XX, a tentativa de aniquilar a Igreja Católica merece destaque na Europa devido sua intensidade.

É preciso se atentar as concepções filosóficas e políticas que inspiraram os regimes totalitários a combater e exterminar a religião. O Iluminismo deu impulso para futuras correntes de pensamento laicistas, materialistas e ateias. Na doutrina filosófica de Karl Marx, a religião aparece como uma superestrutura do capitalismo que deve ser eliminada, pois é a principal causa da alienação do homem, é “o ópio do povo”. O mundo contemporâneo foi alicerçado pelo materialismo e pelo racionalismo. Muitos passaram a defender que o progresso científico e social só seria possível em uma sociedade racional, materialista e livre da “cegueira” acarretada pelas religiões. Portanto, a Igreja Católica passou a ser vista como inimiga do progresso, obstáculo para a construção de uma sociedade laicista e obstáculo do progresso científico.

Segundo Lênin (1909), a religião é o ópio do povo e todas as religiões e igrejas atuais, todas e quaisquer organizações religiosas, são sempre encaradas pelo marxismo como órgãos da reação burguesa.

Após a Revolução de 1917, os bolcheviques assumem o poder; a partir daí, tem início a uma campanha de “limpeza religiosa” na Rússia utilizando-se de diversos métodos de opressão: confisco de bens, proibição de ensino religioso, tortura, interrogatórios, assassinatos, espoliações, propaganda anti-religiosa, trabalhos forçados e coações.

O clero católico romano foi duramente perseguido; muitos religiosos foram mortos ou deportados para campos de trabalho forçado (Gulags). Anos de perseguição e repressão anticristã resultaram em mortes, diminuição do clero local e desapropriação de instituições que pertenciam a Igreja.

INSPIRAÇÕES E PERSEGUIÇÕES

As Ideologias laicistas, materialistas e atéias que surgiram no século XVIII, deram origem a um conflito religioso sem precedentes. A igreja Católica, fortemente ativa na Europa, passou a sofrer inúmeros ataques. Vários intelectuais e filósofos se posicionaram contra a instituição.

O Século XX foi palco de surgimento de ideologias e regimes políticos que combateram a religião por meios estatais. Regimes como nazismo, fascismo e comunismo que, apesar de suas divergências, sistematizaram a perseguição religiosa e fizeram milhões de vítimas. Um verdadeiro democídio. Dentre as concepções filosóficas e políticas que inspiraram a repressão contra as religiões, conseqüentemente contra a Igreja Católica, o marxismo merece destaque.

A ideologia de Karl Marx inspirou regimes em diversos países, mas foi na Rússia que ela foi aplicada pela primeira vez efetivamente, quando os bolcheviques assumiram o governo. Esse acontecimento inédito gerou grandes mudanças no cenário mundial do século XX e XXI.

Segundo Johnson (1990), a ditadura que Marx idealizou para si mesmo foi levada a efeito por seus três mais importantes seguidores: Lenin, Stalin e Mao Tse- Tung, com incalculáveis conseqüências para a humanidade e nesse ponto foram, todos eles, marxistas convictos. Os regimes comunistas russo e chinês tinham uma característica em comum, a violência. Courtouis (1999, p. 7) afirma que:

[...] desde o início, Lênin e seus camaradas se situaram no contexto de uma “guerra de classes” sem perdão, na qual o adversário político, ideológico, ou mesmo a população recalcitrante eram considerados - e tratados – como inimigos e deveriam ser exterminados.

“Os crimes cometidos pelos regimes comunistas somam cerca de cem milhões de mortos. Estima-se que vinte milhões de pessoas tenham sido exterminadas na URSS e sessenta e cinco milhões na China”. (COURTOIS, 1999, p. 7). O historiador Paul Johnson (1990, p.82) afirma que “um dos aspectos do caráter de Marx era o gosto pela violência. A sugestão de violência, sempre presente no marxismo e demonstrada com frequência pelo próprio comportamento dos regimes marxistas, representa uma projeção do temperamento de seu criador”.

Segundo Marx (1848), o comunismo deve abolir toda a ordem social existente, portanto as religiões vigentes na sociedade também. Para o marxismo, a religião é uma superestrutura do capitalismo e deve desaparecer, pois obscurece a visão do povo. É o ópio do povo.

Na concepção marxista toda produção intelectual é transformada com a produção material e as ideias, noções e concepções se alteraram no tempo à medida que as condições de vida se modificaram. Marx afirma que as ideias religiosas se transformaram durante o desenvolvimento da história. Na antiguidade, o paganismo deu lugar ao cristianismo, e este mais tarde, deu lugar ao racionalismo. Apesar das transformações que ocorreram, a religião, a moral, a filosofia, a política e o direito continuaram a existir. (MARX, 1848).

No Manifesto Comunista publicado em 1848, Marx evidencia seu pensamento acerca da religião:

Mas o comunismo quer abolir estas verdades eternas, quer abolir a religião e a moral, em lugar de lhes dar uma nova forma e isso contradiz todo o desenvolvimento histórico anterior. (MARX; ENGELS, 1848, p.12).

Obviamente, o marxismo é incompatível com o cristianismo, pois o cristianismo é uma religião, possui verdades eternas e um código moral”. Lênin, ao abordar sobre a atitude do partido operário em relação a religião destacou que o interesse pela religião havia penetrado nas fileiras da intelectualidade próxima do movimento operário. Isso o preocupou.

O interesse por tudo o que está ligado à religião abarcou indubitavelmente vastos círculos da sociedade e penetrou nas fileiras da intelectualidade próxima do movimento operário e também em certos círculos operários. A social-democracia tem a obrigação absoluta de apresentar uma exposição da sua atitude em relação à religião. (LÊNIN, 1909, p. 415).

A concepção de mundo marxista é o materialismo histórico dialético. Lênin afirmava que era necessário estabelecer uma luta contra a religião.

A social-democracia baseia toda a sua concepção do mundo no socialismo científico, isto é, no marxismo. A base filosófica do marxismo, como Marx e Engels repetidamente declararam, é o materialismo dialético [...] Devemos lutar contra a religião. Isto é o á-bê-cê de todo o materialismo e, por conseguinte, também do marxismo. Mas o marxismo não é um materialismo que se deteve no á-bê-cê. O marxismo vai mais longe. Ele diz: é preciso saber lutar contra a religião, e para isso é preciso explicar de modo materialista a fonte da fé e da religião entre as massas. (LÊNIN, 1909, p.1).

A luta mencionada por Lenin de fato se concretizou com o estabelecimento do regime soviético. O governo soviético empreendeu vários métodos para combater a religião e utilizou

diversas estratégias a fim de minar a ação da Igreja Católica. Além dos católicos, outras instituições religiosas foram vítimas da opressão e perseguição do estado, foram vítimas de um democídio que tinha a intenção de abolir a religião e não poupou recursos para isso. Os comunistas cometeram diversas atrocidades e crimes contra grupos religiosos dentro da URSS.

CONDENAÇÃO DOUTRINAL DO COMUNISMO

Rops (1984) destacou que o avanço do comunismo nos países do “Triângulo Vermelho” - URSS, Espanha e México - preocupou Pio XI e este, logo compreendeu que era tempo de agir. Das trinta encíclicas do seu pontificado, talvez não tenha havido uma só em que o perigo comunista não tenha sido evocado.

De acordo com Rops (1984), Pio XI não só refutou o as teses marxistas em suas encíclicas que abordavam questões sociais mas também em documentos que tratam de assuntos distantes.

A verdade é que Pio XI já formulava em diversas ocasiões a condenação do comunismo. Das trinta encíclicas do seu pontificado, talvez não tenha havido uma só em que o perigo comunista não tenha sido evocado: e não apenas na *Quadragesimo anno* ou na *Caritate Christi*, nas quais, ao falar das questões sociais, seria natural que refutasse as teses marxistas, mas mesmo em documentos cuja a matéria parecia bem distante desses problemas, como por exemplo *Rite expiatis*, sobre São Francisco de Assis, ou *Divini illius Magistri*, sobre a educação da juventude. No entanto, nenhum desses textos constituía uma refutação completa, sistemática, da doutrina marxista, nem uma análise cerrada do perigo que acarretava para a religião. (ROPS, 1984, p. 443, grifo do autor).

Mas, foi na encíclica *Divini Redemptoris* que Pio XI refutou, de forma mais completa e sistemática, a doutrina marxista, que significava um perigo para a religião. Rops (1984) destaca que esse documento representava a voz do magistério da igreja perante o “aparelho de guerra” que era o marxismo e constitui-se como uma carta de atitude ideológica e prática que todos os católicos deveriam aderir perante o comunismo. Pio XI desejava mostrar aos católicos que, entre comunismo e cristianismo, não era admissível nenhum acordo.

O pontífice critica o comunismo e o considera “intrinsecamente perverso”. Pio XI destaca que a concepção marxista do homem, do mundo e da vida como falsa. A encíclica

considera o determinismo histórico como inadmissível e reprova o método que o comunismo se impõe em uma sociedade, “pois despoja o homem da sua liberdade”. Além disso, Pio XI condena o materialismo dialético, que enxerga apenas a matéria e reduz o homem a um “resultado”. A encíclica critica a essência do marxismo. “A *Divini Redemptoris* situou o debate entre comunismo e marxismo na sua verdadeira luz”. (ROPS, 1984, p. 444).

A PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA NA URSS

Triângulo vermelho do terror e do sangue. Assim dizia Pio XI referindo-se aos três países que foram palco de sofrimentos e atrocidades dramáticos: URSS, México e Espanha.

A Revolução Russa ocorreu em Outubro de 1917, os bolcheviques tomaram a sede governamental e estabeleceram o Conselho de Comissários do Povo e, pela primeira vez na história, forma-se um governo socialista. Vladimir Ulianov Lenin foi eleito presidente desse conselho. O governo aplicou várias medidas econômicas, políticas e sociais que transformaram o país. O estado passou a intervir diretamente na economia, nacionalizou as indústrias e os bancos, confiscou propriedades privadas e formou o exército.

Além dessas medidas, os bolcheviques iniciaram sua insistente luta contra a religião, proclamando, inequivocamente que seu objetivo era de eliminar completamente a religião da URSS (HAROSKA, 1965, p. 7). Segundo Rops (1984), o regime soviético revelou seu programa anti-religioso rapidamente logo que assumiu o poder:

Efetivamente, mal instalados no poder, os bolchevistas tinha começado a por em pratica os pontos anti-religiosos do seu programa. Sem ficar a espera de que o estabelecimento definitivo da sociedade marxista eliminasse a religião, tinham tomado posições no campo legislativo para levá-la a ruína enquanto instituição e apagá-la das consciências. A Separação da Igreja e do Estado fora proclamada logo em janeiro de 1918. (ROPS, 1984, p. 433).

A Igreja Ortodoxa possuía o maior número de adeptos na Rússia. Aliada ao Czarismo antes da Revolução de 1917, o clero ortodoxo mantinha numerosas igrejas e propriedades, além de manter grande influência sobre o povo russo. A maioria dos edifícios eclesiásticos visados na destruição eram as igrejas e os mosteiros - locais de grande valor artístico e histórico - construído ha séculos. A concepção marxista - hostil a todas as religiões - foi aplicada de fato durante o regime soviético. Inúmeros decretos e restrições foram impostos as

instituições religiosas. A função de professor de religião foi suprimida, sermões submetidos à censura, vasos sagrados e ícones foram confiscados ou vendidos. Além disso, desencadeou-se uma campanha ideológica que espalhava o ateísmo e visava à destruição da religião. Prova disso foi a criação do movimento dos “Sem Deus”, apoiado pelas autoridades soviéticas.

Em 1925 formou-se a Liga dos Ateus Militantes com o objetivo de apoiar, através da propaganda e outros veículos de comunicação, as medidas anti-religiosas do governo. Todo material era financiado pelo governo. Haroska (1965) afirma que o governo lançou os planos quinquenais ateístas, o primeiro em 1927 e o segundo em 1932. Porém, após um recenseamento da população soviética em 1937, tiveram um resultado inesperado que revelou um grande número de pessoas que professavam a crença em Deus. Durante o regime soviético as igrejas tiveram que pagar altas taxas para ser autorizadas a realizar cultos, proibiu-se o toque de sinos, dissolveram-se organizações religiosas, inclusive, os locais de formação do clero, mosteiros e conventos. O ensino religioso foi proibido não só nas escolas, mas também nos lares a jovens abaixo de dezoito anos de idade.

Após 1918, circulava-se um grande número de decretos e regulamentos destinados a paralisar as atividades das comunidades religiosas. O decreto de 1918 sobre a Separação da Igreja e do Estado estabelecia que as comunidades religiosas eram ilegais e portanto não tinham o direito de manter propriedades. O decreto de 1929 proibia organizações de fazer obras de caridade e ainda restrições para realizar procissões. De acordo com Haroska (1965, p. 11) “não se permitia procissões nos últimos tempos”. A posição da Igreja Ortodoxa frente ao regime soviético modificou-se diversas vezes, porém em 1945 o Sínodo Sagrado (Igreja Ortodoxa) aprovou uma nova constituição inteiramente submissa e dependente das autoridades soviéticas. Inúmeros bispos e clérigos foram mortos no período de 1937 a 1938 por terem sido fiéis a seus deveres religiosos. O clero que concordou em colaborar com as autoridades fez sob coação. Os bolcheviques buscavam a cooperação dos clérigos romanos, mas não obtiveram. (HAROSKA, 1965, p.13).

Vários bispos foram deportados, liquidados e enviados para campos de trabalho forçado. Alguns desapareciam sem deixar vestígios. Os bispos católicos que não se submetiam as exigências soviéticas foram acusados de “crimes fantásticos” e enviados a prisão, deportados ou simplesmente executados. (HAROSKA, 1965, p. 22).

BIELORRÚSSIA

O clero católico da Bielorrússia floresceu com liberdade de 1917 a 1918. Nesse período fundou-se um seminário em Minsk, surgiu a União Democrática Cristã Bielorrússia e o jornal *Krynica* circulava pelo país sob direção de um sacerdote.

A Igreja Católica da Bielorrússia foi duramente perseguida. O Ano de 1919 marcou a vida religiosa dos bielorrussos. No início do ano, anunciou-se a criação da República Socialista Soviética da Bielorrússia. Em seguida, inicia a guerra polonesa - soviética que terminou com um tratado de paz entre Polônia e União Soviética repartindo a Bielorrússia entre os dois. A partir daí, os bolcheviques tiveram liberdade para iniciar sua atividade ateísta. A fome de 1921 se tornou pretexto para os comunistas se apoderarem das instituições religiosas e no dia 27 de dezembro de 1927 foi decretado o confisco de bens da igreja sob a alegação de levar auxílio aos famintos, mas não passou de simples ato de pilhagem. Tais medidas geraram conflitos entre os soviéticos, o clero e os paroquianos. O resultado desse conflito foi a perseguição e execução em massa dos opositores.

Apoiados pelo decreto que separava Igreja e Estado, o governo soviético exigiu que todos os sacerdotes assinassem um acordo, no qual aceitavam alugar do Estado, as igrejas e as capelas.

Diante da resistência de vários sacerdotes, os bolcheviques fecharam as igrejas de Petrogrado e também na Bielorrússia. Além da expropriação de bens, os soviéticos se empenharam para combater os contra revolucionários. O clero estava sendo enfraquecido e sem hierarquia entrou em declínio. Haroska (1965, p. 137) afirma que em 1936, devido “Plano Quinquenal Ateísta” (1932-1937), não se abriu uma só igreja católica nem se pôs em liberdade um só padre na República Socialista Bielorrússia.

A Igreja Católica bielorrussa foi devastada pelos bolcheviques. Em 1956 não havia nenhum bispo na Bielorrússia, nenhum jornal católico em circulação e das 299 capelas restou apenas 30.

LITUÂNIA

Segundo Gecys (1965), a atitude hostil das forças de ocupação soviéticas para com a religião, tornou-se manifesta durante os primeiros dias da ocupação da Lituânia. A

constituição da Lituânia reconhecia todas as igrejas e organizações religiosas enquanto não se opuserem a moral e a ordem pública. Em 1940 oitenta por cento da população era composta por católicos romanos. De acordo com Galter (1958, p. 55):

Sobre uma população de cerca de três milhões de habitantes 80% professavam a religião católica de rito latino. O território compreendia dois arcebispados e quatro bispados. A vida religiosa era florescente. Em 1939-1940 contavam-se, nas seis circunscrições eclesiásticas, três arcebispos e oito bispos, 900 igrejas e capelas das quais 800 eram paróquias e mais de 1500 sacerdotes.

Nesse mesmo ano a Lituânia foi invadida pelos soviéticos e logo a política religiosa foi colocada em ação. Rapidamente decretaram a separação da igreja e do estado, aboliram toda instrução religiosa nas escolas, rompeu-se com o Vaticano e o Núncio Papal foi expulso do país.

Todas as publicações feitas antes de 20 de junho de 1940 foram proibidas. Suprimiram-se todos os jornais e revistas católicas. “Eram fúteis os esforços para se conservar, pelo menos, um catecismo ou um livro de orações”. Os soviéticos apoderaram-se de todos os estabelecimentos gráficos, sem qualquer compensação. Executaram sigilosamente esforços para destruir todos os livros religiosos e vários livros foram feitos em pedaços ou rasurados para tornarem-se ilegíveis. (GECYS, 1965, p. 147).

Confiscaram-se todas as impressoras e livrarias das cúrias episcopais, das congregações religiosas e das sociedades católicas. Todos os livros de caráter religioso: bíblias, catecismo e livros de orações achados nos depósitos foram confiscados e destruídos. Do mesmo modo agiu com os objetos de piedade que se foi possível apoderar-se. (GALTER, 1958, p. 58).

Após a ocupação da Lituânia, todas as instituições de caridade, orfanatos e asilos foram nacionalizados. Todos os mosteiros foram fechados, bispos foram expulsos de suas casas e objetos religiosos foram destruídos. Vários decretos foram criados para paralisar as atividades religiosas, foi proibido ministrar o ensino religioso para crianças e desencadeou-se uma vigorosa campanha contra os feriados cristãos.

O clero estava sob constante vigilância das autoridades soviéticas. A NKVD recebeu ordens para expandir sua rede de agentes-delatores. Alguns sacerdotes cooperaram com o governo soviético, mas sob coação. Todos os padres foram colocados “sob controle formal”,

sendo espionados a fim de se obter informações sobre suas vidas, sua família e também suas declarações contra o governo.

Todas as informações obtidas pelos espões poderiam ser usadas contra o clérigo diante de possíveis acusações e julgamentos. Diante disso, os sacerdotes teriam duas alternativas: ser deportado para Sibéria ou espionar outros sacerdotes e paroquianos. De acordo com Gecys (1965), 150 sacerdotes foram presos na Lituânia durante o primeiro ano da ocupação soviética. A igreja Católica da Lituânia sofreu muitas perdas no período de 1940 a 1955. O regime soviético aplicou medidas que afetaram e muito a vida religiosa no país. Gecys (1965, p. 161) afirma:

As seguintes cifras resumem as perdas infligidas à Igreja Católica na Lituânia [...] de 13 arcebispos, restaram 3; de 1786 sacerdotes, 741; de 1786 monges e freiras, nenhum; de 1202 igrejas, 514; de 4 seminários de teologia, 1; de 470 estudantes de teologia, 75; de 800 000 membros de sociedades religiosas, nenhum; de 27 periódicos, nenhum; de propriedades e escolas da igreja, nenhuma. Pesados tributos foram impostos aos templos que anteriormente se achavam isentos de tributação. Finalmente, segundo estimativas muito conservadoras, durante os anos de 1940-1941 e 1944-1955 as autoridades soviéticas foram responsáveis pelo assassinio ou pela deportação de mais de 300 000 adeptos da religião católica.

UCRÂNIA

Galter (1958), afirma que em 1939 a Galícia foi ocupada pela URSS declarando que sua vontade era de “libertar a população ucraniana” e de reuni-la a pátria”. Com a chegada dos soviéticos iniciou-se a sovietação da Galícia. A indústria foi nacionalizada, as terras coletivizadas e as organizações suprimidas. De acordo com Galter (1958, p.70) personalidades que se destacavam e que poderiam opor-se ao novo curso das coisas foram lançadas na prisão.

Assim como em outros países, a Igreja Católica sofreu com a ocupação soviética e com as reformas estabelecidas pelo novo regime. Começando pela nacionalização da indústria que confiscou as impressoras, as máquinas de escrever que pertenciam a igreja. Como determina a legislação soviética, decretou-se a supressão de todos os conventos e institutos religiosos, além do confisco de bens da igreja. (GALTER, 1958, p. 71).

O Sistema de educação soviético foi introduzido na Galícia, suprimindo o ensino religioso, proibindo crucifixos nas classes e autorizando a propaganda atéia. O metropolita *Szeptyckj* protestou contra as medidas tomadas pelo regime soviético e buscava conservar o culto as capelas. Além disso, havia se tornado um herói nacional para o povo ucraniano e constitui-se o maior obstáculo para o governo soviético aplicar sua perseguição contra a Igreja Católica ucraniana. *Szeptyckj*, prevendo a redução do clero, enviou cartas aos padres com algumas orientações como, por exemplo, ensinar pessoas piedosas como administrar o batismo caso não houver padres, reforçando a todos a necessidade de receber os sacramentos. Os soviéticos buscavam uma forma de atacar o metropolita *Szeptyckj* através de um outro religioso, cujo o nome era *Kostelnyk*, fazendo-o cooperar sob coação. O início da Segunda Guerra Mundial frustrou o plano dos comunistas.

A retirada das tropas soviéticas da Ucrânia em 1941 foi acompanhada de deportações maciças da população. Antes de se retirarem, os soviéticos mataram, igualmente, milhares de pessoas. Houve numerosos padres tanto entre os deportados como entre os mortos. (GALTER, 1958, p. 74).

Só na Ucrânia, mais meio milhão de leigos foi preso ou mandado para o exílio interno, parte dos quais, sem dúvida, exclusivamente por motivos religiosos. (ROYAL apud CASTELLANI, 2012).

Royal (apud CASTELLANI, 2012, p. 94) afirma.

Igreja Católica na Ucrânia era composta por quatro dioceses, oito bispos, 2772 paróquias, 4119 igrejas e capelas, 142 mosteiros e conventos, 2628 padres diocesanos, 164 monges e 773 freiras, 229 seminaristas e mais de quatro milhões de fiéis. Foi simplesmente abolida, posta na ilegalidade. Bispos, padres e leigos que resistiram acabaram em campos de trabalho forçado, mortos pelo cansaço, executados ou exilados.

A PROPAGANDA ANTI-RELIGIOSA

Ao chegarem ao poder, os bolcheviques tomaram medidas anti-religiosas que afetaram a Igreja Católica. Proclamaram, inequivocamente, que seu objetivo visava eliminar completamente a religião em toda URSS. (HAROSKA, 1965).

Segundo Galter (1958, p. 29): “Em Julho de 1918, o país (Rússia) foi dotado de uma constituição provisória. Dizia o seu artigo 13: a propaganda religiosa e anti-religiosa é permitida a todo cidadão”. Em 1927 formou-se a Liga dos Ateus Militantes com o objetivo de apoiar, através da propaganda, as medidas anti-religiosas do governo soviético. A Liga publicou livros, periódicos e panfletos financiados pelo Estado. Em 1932 foi lançada a segunda parte dos planos quinquenais ateístas que agiu por meio da propaganda. Os planos previam o completo desaparecimento do nome de Deus até 1937. Porém, de acordo com Haroska (1965) após um recenseamento da população soviética em 1937, foi constatado tão grande e inesperado número de pessoas que professavam a crença em Deus, que jamais se publicaram os resultados.

A Organização dos Ateus dispunha vários meios de propaganda: imprensa, rádio, filmes, teatros, escolas, órgãos administrativos, etc. De acordo com Galter (1958, p. 30):

Frequentes artigos apareciam na imprensa contra a religião, e mesmo começou-se a ver circularem folhas volantes sobre esse assunto. A poesia e a música foram mobilizadas nesse combate contra Deus. O teatro, artístico ou popular, bem como o cinema, vulgarizaram a luta anti-religiosa. As paredes cobriram-se de cartazes caricaturais. Criou-se para a juventude soviética (Komsomol) um seminário e uma faculdade de ateísmo. A partir do Natal de 1922 (quando os bolchevistas tiveram bem o poder em mãos), os Komsomol tomaram parte ativa nos cortejos carnavalescos anti-religiosos que, nas datas das grandes festas cristãs, percorriam as ruas de Moscou, de Leningrado e de todas as grandes cidades russas. O Bezboznik (Sem Deus), revista mensal ilustrada, cheia de infâmias contra a religião, apareceu pela primeira vez no Natal de 1922, e foi largamente distribuído por toda parte. Movia a luta em nome da “ciência”.

Em 1954, foi publicado um decreto da Comissão Central do Partido de Toda União intitulado “Erros na Difusão da Propaganda Ateísta Científica Entre a População” estabelecendo uma nova política anti-religiosa. Os soviéticos chegaram a conclusão de que a propaganda estava sendo ineficaz da forma como vinha sendo aplicada e contrária a ordem de Lenin. A Comissão Central salientou que a propaganda devia estar em bases mais convincentes e mais científicas para que os fiéis pudessem se libertar dos “erros religiosos”.

Novas instruções foram dadas aos propagandistas para que possam ter êxito na luta contra a religião. “As funções da Liga dos Ateus Militantes foram finalizadas 1942 e substituídas para Associação para a Propagação do Conhecimento Político e Científico de Toda União. Esta Associação forneceu para a Lituânia, em 1952, 379 propagandistas

especialmente treinados; organizou 13 716 palestras contra a religião, em 1953, 17 305 em 1954 e 9142 no primeiro semestre de 1955, e publicou três panfletos anti-religiosos”. (GECYS, 1965, p.158).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em consideração o que foi analisado, concluímos que as fontes utilizadas realçaram diversos pontos relevantes sobre a forma que o regime soviético reprimiu e perseguiu os católicos e o quanto as motivações ideológicas, já mencionadas no presente artigo, tiveram efeito na prática. A pesquisa realizada evidenciou a organização sistemática do governo para combater e eliminar a religião na União Soviética utilizando-se de meios legislativos, militares e sociais.

A bibliografia consultada forneceu um quadro bem amplo sobre situação em que se encontrava a Igreja Católica no território soviético. Tais informações são de extrema importância, visto que o tema é raramente discutido nas universidades brasileiras, pouco ou nada mencionado nos livros didáticos e obras historiográficas do país e dificilmente abordado em pesquisas científicas. O genocídio sofrido pelos católicos na URSS passa quase despercebido na historiografia, diferente do genocídio dos judeus, que por sua vez, é muito bem documentado e recordado de diversos meios.

É imprescindível o surgimento de novas pesquisas nesse campo que possam contribuir efetivamente à pesquisa científica. Em virtude da falta de pesquisas que abordem a perseguição religiosa contra os católicos, os futuros pesquisadores tem a frente um vasto campo a ser analisado. Existem várias obras de historiadores estrangeiros que certamente poderão contribuir com futuras pesquisas. Alguns, inclusive, foram citados nas referências bibliográficas do presente artigo.

Futuras pesquisas poderão focar na história de leigos e clérigos perseguidos pelo regime, em estatísticas acessíveis sobre o declínio das instituições religiosas no período, nas perdas materiais sofridas pelo clero, em obras de autores especializados na história da URSS, etc.

Enfim, é preciso refletir mais sobre o tema para que possamos ampliar nossos conhecimentos e para que os católicos, vítimas desse “genocídio silencioso”, possam ter suas histórias recordadas.

CHASING RELIGIOUS DURING THE SOVIET REGIME: WEIGHTINGS ON HARASSMENT AGAINST THE CATHOLIC CHURCH IN THE PERIOD 1917 1950

ABSTRACT

This article aims to analyze, through literature, as did religious persecution waged against Catholics during the Soviet regime and discuss the ideological motivations of Marxist bias that inspired and motivated persecution and massacre of Catholics in the USSR. The Soviet regime, based on the Marxist conception of religion, systematically organized religious persecution within their fields and applied measures that clearly were intended to eliminate the Catholic Church and undermine the faith of believers. Several priests and lay people were killed by the Soviets because they are considered opponents of the regime. The results obtained provide relevant information and little studied about the situation that was the Catholic Church during the Soviet regime. It also allows us to move forward in understanding the actions taken by the Soviet government from the ideological motivations that drove the authorities of that period.

Keywords: Religious Persecution. Catholic Church. Soviet Communism.

REFERÊNCIAS

CASTELLANI, R. Genocídio silencioso: a perseguição aos católicos na Europa na primeira metade do século XX. **Curiosidadesnahistoria.wordpress**, 2012 Disponível em:<<https://curiosidadesnahistoria.wordpress.com/2012/07/05/genocidio-silencioso-a-perseguiacao-aos-catolicos-na-europa-na-primeira-metade-do-seculo-xx>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

COURTOIS, S. et al. **O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

GALTER, A. **O livro vermelho da igreja perseguida**. Petrópolis: Vozes, 1958.

GECYS, C. C. **A Igreja Católica-Romana na RSS Lituânia**. In: IWANOW, B. (Org.). **Religião na URSS**. São Paulo: Dominus, 1965.

HAROSKA, L. **A Igreja Católica-Romana na República Socialista Soviética Belorussa**. In: IWANOW, B. (Org.). **Religião na URSS**. São Paulo: Dominus, 1965.

IWANOW, B. **Religião na URSS**. São Paulo: Dominus, 1965.

JOHNSON, P. **Os Intelectuais**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

LENINE, V. I. Sobre a atitude do Partido Operário em relação à religião. **Marxists**, 2014. Disponível em:<<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1909/05/26.htm>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

MARX, K. H.; ENGELS, F. O manifesto comunista. **Ebooksbrasil**, 2005. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

ROPS, H. D. **A Igreja das revoluções (I)**. São Paulo: Quadrante, 2003. (História da Igreja, 8).

ROPS, H. D. **A Igreja das Revoluções (II)**. São Paulo: Quadrante, 2003. (História da Igreja, 9).